

Agronegócio quebra recorde de exportações

O agronegócio brasileiro nunca falha. Em junho, as exportações do setor totalizaram US\$ 12,11 bilhões — é o maior valor da história para o mês, além de representar um acréscimo de 25% em comparação com junho de 2020. Segundo a Secretaria de Comércio e Relações Internacionais do Ministério da

Agricultura, o aumento dos preços internacionais dos produtos agropecuários foi o principal responsável pelo recorde. A soja respondeu por mais da metade dos negócios, com as vendas ao exterior somando US\$ 5,30 bilhões, à frente das exportações de carne (US\$ 1,78 bilhão). O agro tem ótimas perspectivas para o ano.

Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP) de 2021 será de R\$ 1,099 trilhão, 10,5% acima do alcançado em 2020 (R\$ 995 bilhões). De acordo com estudo da gestora Riza Asset, no ano passado, 773 milhões de pessoas foram alimentadas por produtos originados no Brasil.

Gustavo Moreno/CB/D.A Press - 4/2/16



RAPIDINHAS

- As videoconferências vão acabar com as viagens corporativas, certo? Não é bem assim. Nos Estados Unidos, com a economia 100% reaberta, os eventos e reuniões presenciais voltaram com força, o que fez disparar a procura por bilhetes aéreos. Segundo a agência TripActions, a procura pelas passagens subiu 300% desde o início do ano.

- Pela primeira vez em muitos anos, o comércio de rua superou os shoppings na preferência dos consumidores. Segundo pesquisa da agência lemi, 57% dos brasileiros escolhem comprar roupas e calçados nas lojas de rua em vez de frequentar lugares fechados. No ano passado, o índice estava em 44%. A mudança se deve à pandemia.

- Com a retomada da economia, a Latam Brasil vai ampliar as operações no Distrito Federal. Em julho, os voos semanais de Brasília para Congonhas, em São Paulo, passarão de 35 para 50. Belo Horizonte (de 10 para 14), Porto Alegre (de 12 para 20) e Recife (de 12 para 16) também terão as operações ampliadas.

- A maison francesa Hermès usa pele de animais em seus produtos desde 1837, quando foi fundada. Agora, pela primeira vez em quase dois séculos, a grife colocará no mercado peças veganas. As novas bolsas são feitas com couro de cogumelo e consumiram três anos em estudos e desenvolvimento. Por enquanto, o preço da linha vegana não foi informado.

Nespresso revitaliza cultivo de café em países com problemas sociais

A Nespresso ajudará a reconstruir o cultivo do café em países afetados por questões sociais: Zimbábue (que enfrenta conflitos étnicos), Uganda (práticas agrícolas irresponsáveis dizimaram a economia local) e Colômbia (que sofre com a atuação das Farc). O programa, chamado Reviving Origins, atua em diversas frentes. No Zimbábue, a empresa oferece treinamento sobre produtividade. Em Uganda, fornece capacitação para 2 mil produtores. Na Colômbia, auxilia na criação de cooperativas de café.

Divulgação/Site



Renner aposta em energia eólica

A busca por soluções sustentáveis é uma tendência em empresas de praticamente todos os setores. No varejo, a Lojas Renner assinou recentemente um contrato com a concessionária Enel para comprar energia eólica. A ideia da empresa é abastecer 170 lojas e um centro de distribuição que está em construção em Cabreúva, no interior de São Paulo. Com a iniciativa, 80% do consumo energético da Renner virá de fontes renováveis — energia eólica, solar e de pequenas centrais hidrelétricas.

Hypera investe R\$ 1 bilhão em 12 marcas

A farmacêutica Hypera desembolsou US\$ 190,3 milhões (aproximadamente R\$ 1 bilhão) para comprar 12 marcas de medicamentos da Sanofi. Entre eles, alguns nomes consagrados no mercado brasileiro, como o analgésico AAS e o antisséptico Cepacol. Analistas de mercado da corretora XP e do banco Credit Suisse consideraram o movimento positivo, podendo inclusive levar à valorização das ações da empresa negociadas na bolsa. Para a XP, o potencial de alta dos papéis é de pelo menos 40%.



Reprodução



Estamos trabalhando para ser uma empresa de tecnologia que vende comida"

Iuri Miranda, presidente do Burger King, ao destacar inovações como o uso da inteligência artificial para detectar hábitos de consumo

PRIVATIZAÇÃO DA ELETROBRAS / Capitalização deve ocorrer até fevereiro. Guedes afirma que, sob controle privado, empresa deve investir R\$ 10 bi por ano. Bento Albuquerque, das Minas e Energia, rebate analistas e diz que tarifas ficarão até 7% mais baratas

Bolsonaro sanciona lei com 14 vetos

» FERNANDA FERNANDES
» INGRID SOARES

O presidente Jair Bolsonaro sancionou, com 14 vetos, a Lei nº 14.182/2021, que abre caminho para a privatização da Eletrobras. Os vetos ainda precisam ser examinados pelo Congresso.

A privatização será feita por um processo de capitalização. Serão emitidas novas ações, que não serão adquiridas pelo governo. Com isso, a União, que detém 60% do capital da empresa, deverá ter a participação reduzida a 45%.

A sanção da lei foi celebrada pelo governo durante solenidade no Palácio do Planalto. Na ocasião, o ministro da Economia, Paulo Guedes, afirmou que a Eletrobras, que detém 30% da geração de energia elétrica no país e 36% da transmissão, deverá sair da condição de "não poder se manter", para a de investidora.

"Para manter a atual fatia de mercado, a Eletrobrás teria que investir R\$ 15,7 bilhões por ano, mas tem capacidade atual de R\$ 3,5 bilhões. Com a privatização, a própria Eletrobras vai investir mais R\$ 10 bilhões por ano", disse Guedes.

De acordo com o ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, o governo irá trabalhar pela manutenção dos vetos. "Já apresentamos aos líderes os motivos que levaram aos vetos, e esperamos que todos sejam mantidos", disse.

Entre outros pontos, foram vetadas a permissão para que funcionários demitidos possam adquirir ações da empresa com desconto; a proibição de extinção de algumas subsidiárias; a obrigação do governo em empregar por um ano os funcionários demitidos da empresa; e a obrigação de que a Eletrobras realoque a população que esteja na faixa de linhas de

transmissão de alta tensão.

Com a privatização mais perto — a estimativa é que ocorra até fevereiro do próximo ano — o debate é sobre como a mudança afetará o bolso do consumidor.

"É uma privatização mais simples, na qual o governo continua tendo participação na Eletrobras, ainda que não seja majoritária. Creio que a população se preocupa se os serviços vão melhorar ou não, e se os as tarifas ficarão mais altas", disse secretário-geral da Associação Contas Abertas, Gil Castelo Branco.

Bento Albuquerque garantiu que haverá redução entre 4% e 7% na conta de luz, mesmo com os "jabutis" colocados na lei pelos parlamentares. Ele e afirmou, por exemplo, que as termelétricas que forem contratadas vão ajudar nessa redução, pois substituirão as que já existem. "No que diz respeito às termelétricas, vai diminuir o custo das tarifas em 1,1%, porque

Eletrobras/Divulgação



Sede da estatal: empresa é responsável por 30% da geração e por 36% da transmissão de energia no país

essas termelétricas que virão por meio de leilões já realizados, irão substituir as que sairão do sistema até 2027. Com as novas usinas, o custo médio do megawatt hora passará de R\$ 1.000 para R\$ 367, no máximo", afirmou.

Para a economista Elena Lan-

dau, ex-diretora da área de privatizações do BNDES e ex-presidente do Conselho de Administração da Eletrobras, os riscos de aumento de tarifa para o consumidor final existem. "Especialmente, se a questão da reserva de mercado avançar com cus-

tos de gasodutos, infraestrutura e térmicas que foram definidas fora do planejamento energético. A intervenção do Congresso foi um precedente perigoso, pois passa por cima das funções do Executivo e atende a lobbies claros", afirmou.

CONJUNTURA

Serviços voltam ao patamar pré-pandemia

» ROSANA HESSEL

O setor de serviços cresceu 1,2% em maio, após alta de 1,3% de abril, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O resultado acumulado de 2,5% nesses dois meses, no entanto, foi insuficiente para reverter a perda de 3,4% observada em março, quando eram maiores

as restrições ao funcionamento de estabelecimentos comerciais por conta da segunda onda da covid-19 no país. O setor, porém, recuperou o patamar de fevereiro de 2020, ficando 0,2% acima do nível pré-pandemia.

A alta reflete a melhora na atividade, devido ao avanço da vacinação, principalmente. O IBGE destacou que o setor de serviços

ainda se encontra 11,3% abaixo do recorde histórico de novembro de 2014, e 9,2% aquém do patamar de dezembro de 2019.

O desempenho do setor, além disso, foi bastante desigual. Três das cinco atividades investigadas pelo IBGE, cresceram em maio. Entre os destaques ficaram os segmentos de transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio,

com alta de 3,7%, e o de serviços prestados às famílias, com elevação de 17,9%. Com menor impacto no índice geral, vieram os serviços profissionais, administrativos e complementares, com avanço de 1%. Em contrapartida, informação e comunicação (-1,0%) e os outros serviços (-0,2%) foram os resultados negativos do mês.

No ano, o setor de serviços

acumula alta de 7,3%, com crescimento em quatro das cinco atividades pesquisadas. O mais relevante em termos de geração de emprego, o setor de serviços prestados às famílias, continua no campo negativo.

Em 12 meses encerrados em maio, o volume de serviços caiu 2,2%. Na comparação interanual, houve crescimento de 23%, terceira taxa positiva, e a mais elevada da série histórica iniciada em 2012. Houve avanço em todas as atividades pesquisadas. É bom lembrar que a base de comparação — maio

de 2020 — é muito baixa.

De acordo com o economista-chefe da JF Trust Gestora de Recursos, Eduardo Velho, o dado de maio foi positivo e ajudou a antecipar o Produto Interno Bruto (PIB) do segundo trimestre com viés favorável. "A alta veio acima das expectativas, com a ressalva que a taxa de abril foi revisada para cima em 0,6 ponto percentual, para 1,3%. Sinal positivo para o crescimento da economia, pois o peso do setor de serviços estaria em torno de 72% a 74% do PIB", destacou Velho.